

A BEATA MARIA DE ARAÚJO COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA À COLONIALIDADE

José André de Andrade ¹

RESUMO

A Beata Maria de Araújo foi religiosa e protagonista de um fenômeno sobrenatural em 1889. O Padre Cícero ministrou uma hóstia para a Beata, aconteceu que essa hóstia se transmutou em sangue, repetindo-se por diversas vezes. Sendo colocado a prova, o fato passou a ser considerado milagre. Mas, o pensamento colonialista da época contrariou todas as expectativas e sintetizou toda negativa numa máxima, que um religioso da época proferiu: “Jesus Cristo não deixaria a Europa para fazer milagres no Brasil”. Assim, a Beata Maria de Araújo emerge na atualidade como símbolo de resistência contra o pensamento colonialista, por ser mulher e preta, soma-se como bandeira contra o racismo estrutural e por uma equidade de gênero. O objetivo deste artigo é discutir o conceito de descolonização em relação ao protagonismo da Beata Maria de Araújo no seu tempo, considerando a resistência em manter-se fiel às suas convicções religiosas frente a colonialidade religiosa que investiu no propósito de silenciá-la da história. A metodologia foi o estudo bibliográfico e pesquisa participante através de vivências nos eventos realizados pelo Movimento Pró-memória da Beata Maria de Araújo. Encontramos resultados que mostram que a Beata foi pioneira na consolidação das romarias, que fortaleceu o catolicismo popular sertanejo, mesmo com toda romanização oficial negando o milagre e realizando punições severas, não conseguiu seu intento; contrariando as expectativas europeias de que Jesus não faria milagre no Nordeste, o povo romeiro manteve-se fiel ao lado da Beata Maria de Araújo e do Padre Cícero.

Palavras-chave: Beata Maria de Araújo, Descolonização, Catolicismo Popular Sertanejo.

INTRODUÇÃO

É preciso descolonizar o conhecimento que se tem na atualidade sobre a Beata Maria de Araújo, porque esse conhecimento foi produzido pelo discurso colonizador de uma época, sabemos muito pouco sobre, mas as pesquisas mais recentes, revelam a Beata Maria de Araújo como protagonista de um fato histórico muito importante, fundamental para a construção da identidade cultural da região do Cariri.

A representatividade étnica-racial da Beata Maria de Araújo na atualidade, sobressai como um importante símbolo para repensar e combater todo o discurso colonialista que foi construído em torno da sua biografia e do milagre da hóstia.

¹ Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri – UFCA. Mestrando em Educação do Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri joseandreandrade@gmail.com

Compreender a Beata Maria de Araújo como mulher, preta, sem riquezas materiais, apenas com educação informal em um tempo que predominava ainda fortemente um discurso colonialista, que se traduzia no escravismo, controle de uma religião oficial e no patriarcado.

De 1862 a 1914, mesmo a Beata Maria de Araújo vivendo em uma época de transição, do escravismo para a abolição, da monarquia para a república e do Estado teocrático para o laico, vivenciou e sofreu punições religiosas, silenciamento histórico, misoginia, discriminação e injúria racial. Parte dessas discriminações são típicas do discurso colonialista dominante, principalmente contra os negros da época, característica do poder que imperou durante a escravização.

A Beata Maria de Araújo emerge na atualidade como símbolo de resistência contra o pensamento colonialista, por ser mulher e preta, soma-se como bandeira contra o racismo estrutural e por uma equidade de gênero.

METODOLOGIA

A metodologia foi o estudo bibliográfico e pesquisa participante através de vivências nos eventos realizados pelo Movimento Pró-memória da Beata Maria de Araújo.

A metodologia do artigo deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens.

REFERENCIAL TEÓRICO

Essa colonialidade foi incisiva sobre a Beata Maria de Araújo e sua história, no que se refere a essa dimensão simbólica das relações de poder e sua manutenção, traduzidos pelos discursos eclesiais para naturalizar as hierarquias e relações de poder, sobre o conceito de colonialidade, Tonial, Maheirie e Garcia Junior (2017), definem:

A colonialidade é entendida como uma dimensão simbólica do colonialismo que mantém as relações de poder que se desprenderam da prática e dos discursos sustentados pelos colonizadores para manter a exploração dos povos colonizados. Restrepo e Rojas (2012) a definem

como um fenômeno histórico complexo que se estende para além do colonialismo, referindo-se a um padrão de relações de poder que opera pela naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais, de gênero e epistêmicas. A naturalização é o que possibilita a reprodução das relações de dominação. Esse padrão de poder mantém e garante a exploração de uns seres humanos sobre outros e subalterniza e oblitera os conhecimentos, experiências e formas de vida do grupo que é explorado e nominado (TONIAL; MAHEIRIE; GARCIA JUNIOR, 2017, p. 19).

A colonialidade se manteve depois do colonialismo, e continua presente em dimensões e formas variadas, o “lado obscuro e necessário da Modernidade” Ballestrin (2013). Colonialidade se mostra mais evidente, principalmente nos discursos reproduzido cotidianamente, que tem como característica a reprodução do pensamento colonial, reforçando as relações de poder, “A colonialidade se reproduz em uma tripla dimensão: a do poder, do saber e do ser” Ballestrin (2013).

Especificamente quando pensamos sobre o conceito de colonialidade do ser, que diz respeito a inferioridade do ser, diferenciando-o pela raça e gênero, cujo objetivo é silenciar, oprimir e fortalecer a dominação, o que gera grande perda e prejuízo de valores, identidades e costumes (MARTINS, 2023). Encontramos nos discursos da Igreja e seus representantes, a época sobre a Beata Maria de Araújo, a colonialidade do ser.

Sobre o milagre da hóstia, e sua principal protagonista, o discurso da Igreja foi o de criar narrativas de hierarquização e hegemonia das santas e santos europeus, considerando uma verticalidade, considerando que identidades europeias são superiores as identidades latinas, a racionalidade foi de indiferença com a Beata Maria de Araújo. Para Maldonado-Torres (2022), a colonialidade do ser, tem impacto sobre a linguagem:

Se a colonialidade do poder se refere à interrelação entre as formas modernas de exploração e dominação, e se a colonialidade do saber tem a ver com a função da epistemologia e das tarefas gerais da produção do conhecimento na reprodução de regimes de pensamento coloniais, a colonialidade do ser se refere, então, à experiência vivida da colonização e seu impacto sobre a linguagem (MALDONADO- TORRES, 2022, p.12)

Depois que o milagre aconteceu a primeira vez em 1889 e sucedeu acontecendo dezenas de outras vezes, sendo atestado como um fato divino em um primeiro momento, inclusive por médicos e padres, a Igreja não aceitou, nomeando uma comissão que ao

submeter a Beata Maria de Araújo a teste, cujo milagre naquele teste não aconteceu, classificou o fato como embuste.

Logo a Igreja usou a linguagem tecendo as narrativas de desqualificação do milagre, o que foi necessário para manutenção dos discursos hegemônicos da hierarquia eclesiástica que teceram sobre o fato do sangue da hóstia não ser o sangue de Cristo, julgando-o inferior. Ralph Della Cava (1976), aponta que mesmo antes do Bispo da época Dom Joaquim nomear a primeira comissão, ele já se mostrara contrário, com base nos cânones da Teologia Católica, onde a colonialidade do saber se mostra:

O âmago da decisão canonicamente provisória era rejeição total por parte do bispo da proposição de que a hóstia se tinha transformado no sangue de Cristo: “Não o é, nem pode ser, segundo os ensinamentos da Teologia Católica”. Dom Joaquim procurou demonstrar ao Padre Cícero que a teoria tomista da transubstanciação negava, claramente, contenda dessa natureza. Qualquer pretensão em contrário implicaria, segundo a compreensão do bispo, uma inovação nociva à doutrina, como a da segunda Redenção, porquanto a teologia tomista pregava que a Redenção era um acontecimento histórico único, não podendo ser repetido (RALPH DELLA CAVA, 1976, p. 63).

Depois da primeira comissão instituída pelo Bispo Dom Joaquim, um relatório chegou as suas mãos, atestando a transformação da hóstia em sangue, um acontecimento divino. Os padres da Primeira comissão nomeados pelo Bispo Dom Joaquim, foram o Padre Antero e o Padre Clycério e que, segundo relatório produzido por eles atestava o milagre ser de origem divina, ao receber o relatório, “o bispo mal pôde acreditar no que leu; concluiu que a questão do Joazeiro pusera em movimento uma Igreja dentro da Igreja”. Ralph Della Cava (1976).

Com isso, o Bispo do Ceará, Dom Joaquim, ao considerar esse relatório tão bem fundamentado pelos médicos, padres e testemunhas, dando conta de várias transformações das hóstias em sangue na boca da Beata Maria de Araújo, inclusive na ausência do Padre Cícero e com “22 pessoas que, segundo se apregoava, tinham sido milagrosamente curadas pela devoção ao Precioso Sangue do Joazeiro” Ralph Della Cava (1976).

Para Ralph Della Cava (1976), o bispo Dom Joaquim, via esse processo do milagre, uma evidência de uma “Igreja dentro da Igreja” o que se revela como uma postura colonialista, de não aceitação da quebra da hegemonia religiosa romana, a imposição de uma hierarquia eclesiástica, onde o bispo é o seu representante legal e porta voz de uma colonialidade para essa manutenção.

Além disso, o processo tornou-se a evidência de uma “Igreja dentro da Igreja”, o julgamento imposto pelo próprio Dom Joaquim a Joazeiro. Tornava-se claro que começava a surgir uma seita em potencial, seita essa que reivindicava, como principal fonte de autoridade, as revelações de Cristo ao Padre Cícero e a beata. As revelações, por seu lado, parecem ter sido justificações talhadas na teologia aventureira que fora audaciosamente sustentada, alguns meses antes, perante Dom Joaquim pelos fiéis dissidentes de Joazeiro; o orgulho e as novas circunstâncias não permitiam, agora, que se recuasse dessa posição (RALPH DELLA CAVA, 1976, p. 66).

Termos como “seita e teologia aventureira”, fazem parte de um discurso de colonialidade, para demonstrar discriminação entre uma Igreja eurocêntrica e outra periférica de uma ex-colônia. “Na medida em que, pela argumentação da superioridade, justifica uma gama infinita de atrocidades cometidas contra os outros povos” Tonial, Maheirie e Garcia Junior (2017).

Para Ralph Della Cava (1976), seria dois fatores que poderiam ter motivado os padres Clycério e Antero a produzirem o relatório favorável ao Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo. Um dos fatores, seria a cresça de uma manifestação divina no Brasil em um momento político muito delicado para a Igreja, que foi a “Viram a Proclamação da República em 1889, a falência total do Partido Católico em galvanizar os fieis numa força política capaz de servir aos interesses da Igreja” Ralph Della Cava (1976).

Também em 1891, com a República e amparo da lei, missionários protestantes, começaram a fazer proselitismo no Ceará. Então para Ralph Della Cava (1976), “é provável que tais acontecimentos tenham levado os comissários (Antero e Clycério) a acreditar que Deus interviera em Joazeiro”.

Curioso, que na atualidade as pesquisas mostram o crescimento do protestantismo no Brasil e também a escalada da Igreja Romana em fazer santos e santas no Brasil. O que remete a entender aos interesses políticos eclesiásticos e compreender essa dinâmica. Estariam os religiosos católicos de Roma na atualidade a compreender que realmente “Deus interviera em Joazeiro” através do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo?

Mas, o fator, que consideramos relevante, que Ralph Della Cava (1976), aponta como uma possível motivação para os padres Clycério e Antero defenderem o milagre, seria, ao crivo da nossa análise na atualidade, uma resposta a colonialidade. Pois, havia um conflito ideológico, o que dava indícios que os padre brasileiros criticavam os “padrões europeus” impostos pelos padres lazaristas franceses, como as balizas da perfeição, uma crítica mais contundente se deu com “a consciência nacional dos

seminaristas brasileiros e que se manifestou após a proclamação da República” Ralph Della Cava (1976).

Destacamos padre Antero como um personagem importante na história do milagre, pois, através de sua percepção crítica, pôde perceber e denunciar a época, o discurso colonialista que os representantes europeus teciam sobre o milagre de Joazeiro. Tanto padre Clycerio como padre Antero compreenderam na época a colonialidade dos franceses que hostilizaram e prejudicaram o milagre negativamente:

O fato é que as tensões existentes entre o clero brasileiro e os lazaristas franceses do Ceará aguçaram a "questão religiosa" de Joazeiro. Padre Glycério, por exemplo, estava convencido de que o padre Chevallier fora o maior responsável pelas desavenças surgidas entre seus colegas eclesiais quanto à validade dos milagres naquela região. Acusou, com severidade, "as pretensões teológicas dos padres franceses" de serem a principal razão do julgamento negativo, por parte de Dom Joaquim, dos “extraordinários acontecimentos” de Joazeiro. Padre Antero, que era formado pelo Colégio Pio Latino-Americano de Roma e doutor em Teologia, apareceu como crítico mais feroz dos lazaristas franceses. Em 1893, escreveu a um amigo, bispo do Pará, e acusou, sem rebuços, os prelados estrangeiros de Fortaleza de tudo adulterarem, “mentindo e caluniando (o milagre de Juazeiro).” Na opinião de Padre Antero, a hostilidade dos franceses a Joazeiro estava vinculada à visão míope dos europeus de que “Nosso Senhor não deixa a França para obrar milagres no Brasil” (RALPH DELLA CAVA, 1976, p. 69).

Padre Antero chama de “visão míope” e sabemos que com os estudos decoloniais da atualidade, não tem nada de “visão míope”, mas, sim um discurso intencional de colonialidade, cujo objetivo foi desqualificar e inferiorizar o milagre.

Além dos padres lazaristas franceses “serem a principal razão do julgamento negativo, por parte de Dom Joaquim” um outro personagem seria decisivo nessa persuasão, Dom Arcoverde, com seu discurso colonialista, foi decisivo para influenciar Dom Joaquim:

Por outro, um dos bispos mais importantes do Brasil, Dom Joaquim Arcoverde, que veio a ser, mais tarde, o primeiro cardeal do país, jogou a culpa sobre Dom Joaquim. Na opinião confidencial de Arcoverde, até agora inédita, tornaram-se Joazeiro “um escândalo (nacional) que convém remover ou destruir e nada mais”. Para Arcoverde, Dom Joaquim havia sido tolerante ao extremo; segundo futuro cardeal, só havia um curso de ação: suspender os padres, queimar a prova, proibir falatórios, remover Maria de Araújo de Joazeiro e submeter o cômico processo à inquisição de Roma (RALPH DELLA CAVA, 1976, p. 77).

Fez-se concretos os discursos da colonialidade diante do fenômeno do “milagre do Joazeiro”. As narrativas e escritos da época, são racistas, não somente com a Beata

Maria de Araújo, mas, como podemos analisar em Ralph Della Cava (1976), um dos pioneiros na pesquisa acadêmica sobre o milagre do Juazeiro, ele enfatiza que suas fontes tratam a cultura negra como degradante:

São factuais os relatos do sucesso que teve o Padre Cícero em trazer de volta à igreja os elementos desordeiros da população de Joazeiro. Vários autores, inclusive os naturais da cidade, afirmam que elementos lascivos e criminosos moravam na localidade. Eram dados a bebida e ao samba que, naquela época, se considerava sensual e degenerado, por ser originário dos escravos (RALPH DELLA CAVA, 1976, p. 42).

A maioria das pesquisas destaca a Beata Maria de Araújo como analfabeta, e isso é uma reprodução do discurso dicotômico da colonialidade e poder, em separar o que sabe ler do analfabeto. Mas, já está provado em pesquisas mais recentes que a Beata Maria de Araújo, possuía uma educação informal em conhecimentos autodidatas que, a fazia uma mestra da catequese de crianças, da costura de hábitos e mortuários, da culinária local e da arte de construir bonecas de pano.

A biografia da Beata Maria de Araújo foi fragmentada, a escrita oficial da Igreja da época restringiu-se a relatórios eclesiásticos e missivas que desqualificava o milagre e sua credibilidade religiosa. Somando-se a isso o grande poder de excomunhão que a Igreja exercia, a história da Beata ficou no silêncio. O medo de contrariar a Igreja e ser excomungado foi decisivo para que se plantasse um silêncio sobre a Beata Maria de Araújo e o milagre. Essa imposição da Igreja, não conseguiu acabar com as romarias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Beata Maria de Araújo silenciou, o Padre Cícero silenciou, diante das decisões da Igreja, mas, ambos não renunciaram sua crença no milagre, não negaram jamais, pois o propósito não foi romper com a doutrina, ambos viam o milagre como um acontecimento maravilhoso, mas esperava-se que a Igreja pudesse reconhecer.

Refletimos na atualidade, que essa postura da Beata enfrentando a Igreja com grande poder colonialista, significou uma resistência a colonialidade religiosa europeia que atravessou os séculos considerando o Brasil não digno da manifestação divina, portanto qualquer categoria de reivindicação de status europeu, era negado, o Brasil era visto apenas como lugar para ser explorado e insignificante.

Nas palavras de Chevallier ele não apresentava somente uma xenofobia, ele traduzia a escrita colonialista da época, sem anacronismo, podemos ver que era total

negação a condição de sagrado, no espaço que não fosse Europa, a dominação colonial se dava também negando o sagrado dos povos colonizados

A Beata Maria de Araújo representa hoje um símbolo de resistência a colonialidade, porque seu legado resistiu, mesmo a Igreja exercendo grande influência num discurso eurocêntrico, sua imposição sucumbiu e o que se viu foi o crescimento das romarias e o fortalecimento do catolicismo popular sertanejo.

A Igreja oficial depois que classificou o milagre do Juazeiro como um embuste, fatos vão supersticiosos, e vendo que o fenômeno das romarias continuava a todo vigor, reagiu. Irineu Pinheiro (2011), relata exatamente no seu livro “O Juazeiro do Padre Cícero” o desencadear histórico da tentativa de apagamento da Beata Maria de Araújo por parte da Igreja e da ascensão biográfica do Padre Cícero devido a sua influência política, consequência das suas decisões e escolhas, que a Igreja não teve como impedir, ficando restrita apenas retirar sua função sacerdotal.

Todos queriam ver com os próprios olhos o precioso sangue e também, a beata, em cuja modestíssima pessoa se realizava um portentoso milagre. Foi um nome famoso nos sertões brasileiros o de Maria de Araújo. Mas, com os tempos, - caso curioso! - à medida que se lhe ia aos poucos esbatendo a figura, até apagar-se de todo nos últimos anos de sua vida, ressaltava, cada dia com maior relevo, a do padre Cícero que, na sua época, foi o homem de mais profunda influência individual no Brasil (IRINEU PINHEIRO, 2011, p. 150).

Essa tentativa da Igreja em silenciar a Beata Maria de Araújo, se deu em diversas ações concretas, pautadas pelo discurso colonialista religioso, com base na romanização. A Igreja iniciou proibindo se falar do milagre, ordenando os clérigos que acreditavam no milagre a se retratarem e negar publicamente, enclausuraram a Beata Maria de Araújo com a finalidade de impedir as romarias para vê-la, confiscaram os panos machados de sangue que atestavam a veracidade do milagre, confiscaram as medalhas cunhadas com a imagem da Beata, destruíram o túmulo onde a Beata era sepultada.

A Beata foi pioneira na consolidação das romarias, que fortaleceu o catolicismo popular sertanejo, mesmo com toda romanização oficial negando o milagre e realizando punições severas, não conseguiu seu intento; contrariando as expectativas europeias de que Jesus não faria milagre no Nordeste, o povo romeiro manteve-se fiel ao lado da Beata Maria de Araújo e do Padre Cícero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe em todo Brasil esforços dos Movimentos Sociais Negros, para que os sistemas educativos possam efetivamente implementar a Lei n.º 10.639/2003, que obriga a inclusão da História e Cultura Africana e Afro-brasileira em todos os currículos escolares. Referente a Beata Maria de Araújo como mulher preta, ainda se mantém distante a inclusão do seu nome nesse cenário curricular caririense, sendo necessária e importante esse reparo histórico, onde seja primordialmente ensinado que as romarias e toda diversidade cultural existente na atualidade, se deu a parti do milagre da hóstia. Enfatizando que essa história precisa ser contada como forma de superar “mazelas” históricas que o silenciamento causou na nossa sociedade, como, Santos, Alem e Dantas Jr. (2018) afirmam:

Para além de força de lei e diretrizes o ensino da Cultura e História Africana e Afrobrasileira, assim como a incorporação das histórias e culturas dos povos indígenas com a Lei n.º 11.645/08 representam a necessidade de superar as mazelas históricas que o silenciamento dos conteúdos referentes a estes povos causou na sociedade brasileira. Isso porque os sistemas educacionais em geral, apesar de alguns avanços, normatizam o discurso pedagógico, que se propõe didático, baseado no etnocentrismo. Com essa prática, invisibilizam de seus currículos as formas de vida produzidas pela interação entre as diferentes culturas que compõem a nação brasileira, deixando a responsabilidade aos estudantes negros e indígenas a luta por sua própria emancipação intelectual e social, naturalizando um modelo de educação que não contempla a diversidade humana. (SANTOS; ALEM; DANTAS JR., 2018, p. 5).

No contexto da educação da região do Cariri, para os educadores que trabalham com a Lei 10.639/03, devem de forma mais aprofundada, tomar conhecimento da Beata Maria de Araújo, refletir sobre sua resistência a um discurso colonialista que causou um silenciamento da sua biografia em relação ao milagre, mas que não conseguiu impedir os desdobramentos das romarias que se seguiram, contextualizadas no catolicismo popular sertanejo que divergia do catolicismo oficial romano.

A Beata foi pioneira na consolidação das romarias, que fortaleceu o catolicismo popular sertanejo, mesmo com toda romanização oficial negando o milagre e realizando punições severas, não conseguiu seu intento; contrariando as expectativas europeias de que Jesus não faria milagre no Nordeste, o povo romeiro manteve-se fiel ao lado da Beata Maria de Araújo e do Padre Cícero.

REFERÊNCIAS

- ESQUIZOANÁLISE, Clinicand - Psicanálise e. **GRADA KILOMBA: Descolonizando o Conhecimento.** 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iLYGbXewyxs>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação e Relações Raciais:** refletindo sobre algumas estratégias de atuação. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5669850/course/section/6059970/nilma%20gomes%20-%20texto%20b%C3%AAsico.pdf>. Acesso em julho de 2024.
- TONIAL, Felipe Augusto Leques; MAHEIRIE, Kátia; GARCIA JUNIOR, Carlos Alberto Severo. A resistência à colonialidade: definições e fronteiras. **Revista de Psicologia da Unesp**, Santa Catarina, v. 01, n. 16, p. 18-26, jan. 2017.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, p. 89-117, ago. 2013.
- MARTINS, Ana Luiza Rios. TEMPO, ESPAÇO E SUBJETIVIDADES: a emergência do conceito de colonialidade do ser. **Revista de Teoria da História**, [s. l], p. 1-7, fev. 2023.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre a colonialidade do ser:** contribuições para o desenvolvimento de um conceito. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.
- CANDIEIROS. **ONDE ESTÃO OS RESTOS MORTAIS DA BEATA MARIA DE ARAÚJO?** Juazeiro do Norte, 22 out. 2023. YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IlrwlXmlrOg&t=179s>. Acesso em: 08 jul. 2024.